

A fé cristológica do protocristianismo em Cl 1,15-20

The christological faith of protochristianism in Cl 1,15-20

Augusto Lívio Nogueira de Morais *

* Mestre em Teologia com concentração em Literatura Bíblica e Teológica - interpretações pela Universidade Católica de Pernambuco, Especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Diocesana de Mossoró. Professor na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil.
profaugustolivio@gmail.com

Recebido em: 12/10/2021

Aprovado em: 25/11/2021

Licença *Creative Commons*
CC BY 4.0



Resumo

O estudo da fé cristológica no contexto do protocristianismo é um tema importante para se entender o processo de desenvolvimento da própria fé cristã. O presente estudo tem como objetivo identificar alguns elementos dessa fé cristológica no texto de Cl 1,15-20. A metodologia utilizada foi a investigação bibliográfica e qualitativa, sendo feita uma análise dedutiva para a obtenção dos resultados. A Carta aos Colossenses é um texto pertencente ao grupo das epístolas deuteropaulinas. Seu autor colocou em Cl 1,15-20 uma perícopé de origem pré-paulina. Ela foi inserida na carta, pelo autor, com retoques e acréscimos. A análise do texto identifica-o como um hino provindo do ambiente litúrgico das protocomunidades cristãs de cultura helênica. Sendo, portanto, uma forma de expressão de sua fé em Jesus e, conseqüentemente, um modo de comunicar sua hermenêutica sobre ele. A perícopé apresenta elementos de uma cristologia adâmica e de uma cristologia sapiencial. Há, no texto, uma tendência a interpretar Jesus de forma abstrata ou a identificá-lo como uma figura heroica divinizada. Os acréscimos, feitos pelo autor, parecem querer corrigir essas tendências apresentando o tema da morte na cruz como instrumento concreto da reconciliação universal por ele realizada. Portanto, para o protocristianismo em Cl 1,15-20, Jesus é o princípio e o fundamento da criação e da redenção.

Palavras-chave: Protocristianismo. Colossenses. Cristologia. Hermenêutica. Hino.

Abstract

The study of Christological faith in the protochristianism context is an important theme to understand the process of development of Christian faith itself. The present study aims to identify some elements of this Christological faith in the text of Cl 1,15-20. The methodology used was bibliographical and qualitative investigation, being performed a deductive analysis to obtain the results. The letter to the Colossians is a text belonging to the group of the deuteropaulines epistles. Its author put in Cl 1,15-20 a pericope of pre-pauline origin. It was inserted in the letter, by the author, with tweaks and additions. The text analysis identifies it as a hymn coming from the liturgical environment of the Christian proto-communities of Hellenic culture. Being, therefore, a way of expressing its faith in Jesus and, consequently a way of communicating its

hermeneutics about it. The periscope presents elements of an Adamic Christology and of a wise christology. There is, in the text, a tendency of interpreting Jesus in an abstract form or to identify him as an heroic divinized figure. The additions, made by the Pauline author, seem to want to correct these tendencies presenting the theme of death on the cross as a concrete instrument of universal reconciliation accomplished by him. For the protochristianism in Cl 1,15-20, Jesus is the principle and the foundation of creation and redemption.

Keywords: Protochristianism. Colossians. Christology. Hermeneutics. Hymn.

1 Introdução¹

A análise de perícopes presentes no epistolário paulino que têm sua origem em tradições pré-paulinas permite desenvolver o estudo sobre a hermenêutica cristológica que as comunidades do protocristianismo estavam realizando na tentativa de compreender a pessoa de Jesus que lhes foi anunciada por meio da pregação apostólica.

Este artigo procura, por meio da análise de Cl 1,15-20, identificar alguns elementos da cristologia dessas comunidades nascentes que permitam entender como estava se desenvolvendo a sua fé cristológica.

A metodologia utilizada para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica e qualitativa, sendo feita uma análise dedutiva para a obtenção dos resultados.

2 A Carta aos Colossenses e sua autoria

A comunidade cristã de Colossas teria sido fundada por Epafra (CASALEGNO, 2001; MURPHY-O'CONNOR, 2000; FABRIS, 1992). Entretanto, a discussão sobre a autoria da Carta aos Colossenses tem posições ainda conflitantes.² Elas giram em torno de Paulo como seu autor ou de uma autoria por parte de alguém ligado a tradição de Paulo. Como não há uma posição definida, trataremos a carta considerando-a como um texto deuteropaulino, conforme apresenta Vouga (2009), pois isso não terá grande impacto no estudo do texto de Cl 1,15-20.

No que se refere datação da carta, contudo, a questão da sua autoria tem um peso determinante. Caso se considere a carta como autêntica de Paulo, sua datação estaria entre o ano de 53 e 63 E.C. (MURPHY-O'CONNOR, 2000). Sendo considerada de uma tradição deuteropaulina, sua datação deveria ser colocada após 65 E.C.³ Desse modo, Cl 1,15-20 poderia ser datado no intervalo entre os anos 50 e 60 E.C.

¹ Texto originalmente apresentado em forma de comunicação oral durante o Congresso Internacional "Atualidade da Reforma", realizado em Recife, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2017.

² Sánchez Bosch (2002) apresenta uma discussão sobre a autenticidade da carta e se posiciona a favor de sua autenticidade paulina, mas não fecha a questão. Também Fabris (1992) e Murphy-O'Connor (2000) tratam sobre problemática da autoria da carta.

³ Essa data deve ser considerada diante da tradição que coloca o martírio de Paulo acontecido aproximadamente nessa datação. Sobre as possibilidades de datação da morte de Paulo ver os trabalhos de Murphy-O'Connor (2000), Fabris (1992) e Bruce (2008).

Seguindo as perspectivas dos estudiosos que defendem a origem pré-paulina desta perícopa,⁴ a qual teria recebido acréscimos do autor da Carta, procuraremos nos concentrar nos elementos da fé cristológica pré-paulina expressos no texto.

3 O texto de Cl 1,15-20⁵

- I – ¹⁵o qual (= Ele) é a imagem do Deus invisível,
primogênito de toda criação (= criado, criatura),
¹⁶porque nele foram criadas as coisas todas,
[nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis,
sejam tronos sejam soberanias sejam principados sejam poderes;]
as coisas todas por meio dele e para ele foram criadas;
¹⁷[e ele é antes de todas as coisas
e as coisas todas nele têm existido,
¹⁸e ele é a cabeça do corpo que é a igreja;]
- II – o qual (= Ele) é (o) princípio
primogênito dentre os mortos,
[para que fosse em tudo ele tendo o primeiro lugar,]
¹⁹porque nele aprouve (a Deus) toda a plenitude habitar
²⁰e por meio dele reconciliar as coisas todas para ele,
[fazendo a paz por meio do sangue da cruz dele,
{ por meio dele } sejam as (coisas) sobre a terra sejam as (coisas) nos céus.]

3.1 Estrutura formal e fontes do texto

O hino encontra-se estruturado em duas partes.⁶ Há a presença de duas temáticas centrais claramente definidas: Cristo como fundamento e mediação da criação (primeira estrofe) e como fundamento e mediação da reconciliação (segunda estrofe).

- ⁴ Autores como Fabris (1992) e Murphy-O'Connor (2000) entendem que esse texto tem sua origem anterior ao escrito paulino. Entretanto, há autores, como Cerfaux (2003), que vão além e afirmam que este hino teria uma origem pré-cristã e fora assumido e manipulado pela comunidade cristã para aplicá-lo a Cristo.
- ⁵ Neste artigo será feita uma análise mais ampla, pois não é possível apresentar, no momento, uma exegese mais detalhada. Todos os textos bíblicos utilizados foram retirados de duas traduções: da Bíblia de Jerusalém (2002) e do Novo Testamento interlinear grego-português (2004). Na tradução do hino de Cl 1,15-20 o que está entre parênteses com o sinal de igual (=) significa termo equivalente ou possibilidade oferecida na tradução, o que está entre parênteses () significa um complemento necessário para a compreensão do texto e o que está entre colchetes [] é referente ao que é considerado acréscimo do autor da Carta aos Colossenses ao hino original. As chaves { } incluem no texto palavras cuja presença ou posição no texto é considerada duvidosa. Para essa indicação seguimos, de forma adaptada, o aparato crítico de O Novo Testamento grego (1993).
- ⁶ Para dividir o hino em duas partes seguimos os critérios apresentados por Fabris (1992), Murphy-O'Connor (2000), Cerfaux (2003) e Casalegno (2001), pois o objetivo desta pesquisa não é desenvolver a análise exegética do texto, mas apresentar seus elementos hermenêuticos.

Existem paralelos entre as estrofes que sustentam a estrutura binária do hino:⁷ o termo “o qual” nos vs. 15 e 18b; a forma “imagem” e “primogênito” no v. 15ab e a forma “princípio” e “primogênito” no v. 18bc; a motivação que vem expressa na partícula “porque” nos vs. 16a e 19; a expressão “coisas todas” nos vs. 16a e 20a.

A perícopé, sem os acréscimos do autor da carta, era conhecida pelos colossenses (MURPHY-O’CONNOR, 2000; BROWN, 2004). O vocabulário usado e a identificação dos acréscimos que o autor fez permitem estabelecer o texto como um hino pré-paulino (FABRIS, 1992). Sua forma em paralelismo, com um estilo poético, utilizando o pronome relativo para introduzir as duas estrofes indica que ele estava provavelmente presente no ambiente litúrgico das comunidades cristãs naquelas primeiras décadas (CASALEGNO, 2001; MURPHY-O’CONNOR, 2000).

A fonte da qual o hino pode ter se originado foi, provavelmente, a da “tradição bíblica, relida no interior de um judaísmo helenista, atento aos estímulos culturais da filosofia popular” (FABRIS, 1992, p. 59). Desse modo, estão presentes diferentes referências dentro do processo hermenêutico sobre a pessoa de Jesus e sua missão, mais especificamente, temos a cristologia adâmica e da cristologia da Sabedoria dos sapienciais.

4 Elementos da fé cristológica em Cl 1,15-20

Para a apresentação dos elementos da fé cristológica presentes no texto, vamos nos restringir ao texto considerado pré-paulino. As partes do texto que são consideradas acréscimos de Paulo e suas possíveis motivações serão tratadas no tópico seguinte.

4.1 Primeira estrofe

Nesta estrofe Jesus é apresentado como “imagem do Deus invisível” (v. 15a) e como o “primogênito de toda criação” (v. 15b). Estes dois termos revelam uma compreensão sobre Jesus que não está preocupada necessariamente com seu aspecto histórico, mas com seu significado.

Há elementos da cristologia adâmica com o uso dos termos “imagem”, “primogênito” e “criação”, pois Adão foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26a.27), primogênito da humanidade⁸ e, por isso, tendo relação de autoridade e de responsabilidade para com toda a criação (Gn 1,26-27).

Entretanto, é a cristologia da Sabedoria dos sapienciais que se destaca por causa do conjunto que atribui à “imagem” e a “primogênito” os papéis de causa e mediação de toda criação, papéis estes dados à Sabedoria na tradição sapiencial (Sb 7,22-26; 8,6; 9,2.9).

A Sabedoria é o primogênito de Deus (Pr 8,22-31). Ao identificar Jesus com ela, o hino abre a perspectiva de sua procedência divina e de sua pré-existência em relação à criação (DUNN, 2003). Jesus pertence à esfera do divino e nele tudo encontra sua origem e sentido.

Porém, ao afirmar que Jesus é “imagem do Deus invisível”, aponta-se para uma compreensão que evita cair no idealismo. Pois, sendo Deus invisível no passado, agora se

⁷ Fabris (1992) apresenta mais detalhadamente esses paralelismos mostrando suas relações.

⁸ O primogênito, na tradição bíblica, possui um papel de precedência em relação aos irmãos e uma dignidade especial em relação ao pai (Gn 25,29-34; Ex 13,1-2.11-16; Nm 3,13; Hb 12,16).

tornou visível por sua imagem identificada em Jesus, “aquele que o manifesta de modo único e definitivo, tomando o lugar de todas as prefigurações históricas” (FABRIS, 1992, p. 60), tanto a da Sabedoria como a de Adão. Foge-se, assim, de uma abstração total na compreensão de quem é Jesus. Porém, o texto não traz uma apresentação do seu aspecto histórico, mas parece buscar apresentar seu papel dentro do projeto da criação.

4.2 Segunda estrofe

Jesus, em paralelo com a primeira estrofe, é o fundamento e mediação da redenção.

O termo “princípio” (v.18c) logo nos remete novamente à Sabedoria (Pr 8,23), mas ele está ligado à expressão “primogênito dentre os mortos” (v.18d), o que significa que seu sentido depende do conjunto dos termos.

Em Jesus, se inaugura a nova realidade salvífica da qual ele mesmo é o primeiro a ser revestido.⁹ A razão disso está no fato de Deus, por gratuita e livre disposição, ter feito habitar em Jesus toda a plenitude (Sl 68,17; Ez 43,7)¹⁰ e por meio dele realizar a reconciliação de todas as coisas consigo. Assim sendo, Deus é aquele que toma a iniciativa e Jesus aparece como aquele em quem Deus realizou plenamente seu desejo redentor. Ele é a “morada de Deus, ‘plenitude’ dos dons salvíficos, espaço ideal no qual se cumpre a reconciliação” (FABRIS, 1992, p. 62).

5 Os acréscimos do autor

Na primeira estrofe o autor reforça que Jesus é a fonte, o fundamento-consistência e meta final de todas as coisas com as expressões “céus e terra” (v. 16b), “visíveis e invisíveis” (v. 16c). Estes termos indicam o conjunto da criação: o mundo material e o mundo espiritual. Ao nomear as realidades invisíveis: “tronos, soberanias, principados, poderes” (v. 16d), o autor está preocupado em responder a certa polêmica em relação ao culto dos seres celestes (MURPHY-O’CONNOR, 2000; FABRIS, 1992). Assim, ele usou “a dimensão criadora do hino deles para salientar que, como responsável pelo nascimento dos poderes espirituais, Cristo era infinitamente superior a eles (Cl 2,10)” (MURPHY-O’CONNOR, 2000, p. 251).

No final da primeira estrofe, o autor retoma a mesma ideia de Jesus tendo o primado sobre todas as coisas (v. 17), porém faz uma associação com a igreja dizendo “e ele é a cabeça do corpo que é a igreja” (v. 18). Jesus, como cabeça, é o Senhor da igreja. Ele também é a fonte da qual o corpo recebe tudo o que precisa para se desenvolver (FABRIS, 1992; MURPHY-O’CONNOR, 2000). A igreja, então, é o lugar histórico, concreto, a reunião do povo convocado onde se pode experimentar esta relação com Jesus fundamento e

⁹ Murphy-O’Connor (2000) entende que Jesus não é visto aqui em sua ressurreição, apesar de admitir que esta possibilidade não deva ser excluída. Ele considera vazio o modo como o hino fala a respeito da vitória de Jesus sobre a morte e afirma que o autor está se orientando pela ideia de imortalidade segundo sua inspiração sapiencial. Deste modo, Cristo experimenta a vida depois da morte devido a um dom divino, segundo dá a entender pelo que se segue no restante da estrofe. No que vai ser apresentado no restante deste item desenvolveremos nossa exposição tendo como referência esta visão de Murphy-O’Connor, pois queremos evitar o máximo possível interpretar segundo uma compreensão já pré-estabelecida pelo que hoje cremos sobre Jesus.

¹⁰ Esta expressão remete a ideia da habitação de Deus presente no Antigo Testamento.

Senhor. A comunidade, portanto, é levada a ver sua relação com Jesus em uma perspectiva eclesiológica.

Na segunda estrofe os acréscimos retomam a temática do primado cósmico de Cristo e de sua supremacia universal (v. 18e.20b) (FABRIS, 1992). Esses acréscimos estão em paralelo com os da primeira estrofe trazendo para a realização da reconciliação feita por Jesus um caráter universal do qual nenhuma realidade estaria excluída, nem mesmo as realidades espirituais (MURPHY-O'CONNOR, 2000).

O autor, porém, fez questão de lembrar que tudo isto se deu na história ao introduzir o tema da cruz como instrumento de pacificação e reconciliação (v. 20c). Assim procura resgatar o hino do perigo de cair em elucubrações mitológicas (FABRIS, 1992) e, a partir desse evento, afirmar o primado universal de Jesus.

Os acréscimos, portanto, podem indicar que o texto pré-paulino poderia conter um sério risco à fé da comunidade por uma compreensão abstrata sobre Jesus (MURPHY-O'CONNOR, 2000). O autor procurou, desse modo, corrigir esse risco sem desprezar o texto original.

6 Provocações para uma perspectiva pastoral

Após perceber que, por trás desse hino, existe um dinâmico e complexo caminho interpretativo que as comunidades cristãs estavam fazendo sobre a pessoa de Jesus, é importante lançar um olhar para os caminhos que estão sendo feitos hoje ao apresentarmos a pessoa de Jesus para o mundo.

A comunidade por trás do hino de Cl 1,15-20 utilizou categorias, imagens e conceitos que estavam dentro de seu horizonte histórico e cultural para pensar e falar sobre Jesus. Hoje, partindo da leitura e interpretação da Sagrada Escritura, a comunidade cristã continua interpretando e anunciando a pessoa de Jesus tendo presentes os elementos históricos e culturais dos tempos atuais.

Esse processo é importante, pois permite uma atualização da mensagem evangélica, tornando acessível, para os homens e mulheres de hoje, a pessoa e a mensagem de Jesus. Entretanto, é necessário estar atentos aos riscos de limitações ou distorções, assim como aconteceu com a comunidade do hino de Cl 1,15-20. O autor da carta precisou, por meio de seus acréscimos, corrigir o risco de uma idealização da pessoa de Jesus, que poderia desconsiderar o aspecto crítico de sua morte de cruz e esquecer que é na comunidade o lugar histórico de vivência da fé nele.

Atualmente, podem-se perceber discursos que interpretam e apresentam a pessoa de Jesus e de sua boa nova que afastam os elementos incômodos de sua mensagem e o aproximam a uma espécie de guru que resolve todos os problemas¹¹ ou usam sua mensagem para justificar violência, preconceitos e discriminação.¹²

¹¹ O mercado de livro de autoajuda tem se apropriado da figura de Jesus para apresentá-lo como modelo de liderança, de equilíbrio emocional, de relacionamentos positivos, dissociando sua pessoa de sua mensagem com todas as consequências que ele assumiu. Dois trabalhos sobre esse tema ilustram bem essa perspectiva: Bellotti (2017) que trata sobre a autoajuda na mídia evangélica entre os anos de 1980 e 2010; Costa (2016) que faz uma análise de duas obras sobre liderança que se utilizam de Jesus como modelo de suas abordagens.

¹² Sobre esse contexto existe muito material disponível na internet entre reportagens e vídeos. Dentre essas, podem ser conferidas duas reportagens consultadas na produção deste artigo: uma reportagem

É preciso, a exemplo do autor da Carta aos Colossenses, estar atentos a essas situações e procurar manter sempre presentes os elementos fundamentais da pessoa e da mensagem de Jesus que, pela sua cruz, reconciliou todas as coisas e reuniu uma comunidade de irmãos e irmãs, convocados pelo seu amor salvador, da qual ele é a cabeça de onde flui toda a graça necessária para a vida de seu povo.

7 Considerações finais

O protocristianismo que se expressa em Cl 1,15-20 entende que Jesus tem uma relação especial, única, com Deus e que nele se manifesta algo novo e autêntico sobre quem é Deus e sobre Sua vontade em relação aos seres humanos e a toda a criação.

A comunidade foi buscar na tradição do judaísmo helênico da diáspora elementos interpretativos para expressar sua compreensão. A figura de Adão e, especialmente, a imagem da Sabedoria foram as chaves interpretativas que a comunidade cristã utilizou naquele contexto para dizer algo sobre a pessoa de Jesus.

O texto em sua forma p p. 181-204.ré-paulina não traz referências à figura do Jesus histórico. Jesus é apresentado como o princípio e o fundamento de toda a realidade, seja ela material ou espiritual. Ele também é o iniciador e o fundamento da ação salvífica de Deus em favor da humanidade. Uma perspectiva universal e idealizada de sua figura parece cercar a linguagem do texto.

Desse modo, as comunidades estariam interpretando Jesus como uma personalidade que se tornou divina por seus grandes feitos, assim como os reis e heróis dentro da cultura helênica e oriental?

É uma tendência naturalmente presente em qualquer grupo humano procurar interpretar as coisas e os acontecimentos segundo a cultura de seu ambiente.¹³ Entretanto, o hino demonstra, pelas imagens de Adão e da Sabedoria utilizados em sua cristologia, que, mesmo sob o perigo das interpretações da cultura helênica, as comunidades receberam uma catequese com fortes elementos da tradição veterotestamentária.

O autor faz alguns acréscimos ao texto para expressar sua teologia, mas também parece tentar corrigir o risco da idealização da pessoa de Jesus. Ao demonstrar que a universalidade de Jesus é sobre realidades concretas e ao colocar o tema eclesiológico apresentando Jesus como princípio e fundamento da igreja, ele relaciona a figura de Jesus a elementos históricos, experimentados pela comunidade.¹⁴

Ao tratar do tema da cruz de Jesus e associá-lo a uma autoridade soberana sobre toda a criação, o autor recoloca no hino a questão incômoda de um redentor crucificado e, apesar da possibilidade de causar confusão na cabeça das comunidades, deixa claro o diferencial entre Jesus e as personalidades divinizadas que havia no mundo helênico evitando, assim, a idealização de sua pessoa.

no *O Globo*, de Schmitt e Aguiar (2019), e outra da *BBC* de Puff (2015), as quais tratam sobre violência e defesa de valores que, apesar de partirem de pessoas que se apresentam como cristãs, suas atitudes não coadunam com a vida e o ensinamento de Jesus.

¹³ Lohse (2000) oferece um bom panorama do ambiente cultural no qual as comunidades cristãs estavam imersas e onde precisavam desenvolver sua compreensão sobre Jesus.

¹⁴ Considere-se o tema “cabeça-corpo / Cristo-igreja” de Colossenses, e a perspectiva dele como aquele que é o “princípio” e o “primogênito”, expressões que remetem a totalidade da realidade tanto da comunidade como da criação, assim como a ideia de origem e fundamento.

Ao final da análise do texto, encontramos uma busca de compreensão que estava marcada por elementos do judaísmo helênico e por uma tendência idealista que o autor da carta procurou corrigir. Não há uma preocupação com a história de Jesus, mas a afirmação de sua existência concreta e do significado dessa mesma existência para a comunidade.¹⁵

Compreendendo esse caminho hermenêutico da fé cristológica das primeiras comunidades cristãs presente em Cl 1,15-20, pode-se também iluminar a análise dos processos hermenêuticos atuais. Estes continuam produzindo cristologias que, por um lado, permitem atualizar a pessoa e mensagem de Jesus, mas, por outro, também podem produzir distorções que precisam ser identificadas e corrigidas em nome da fidelidade ao seguimento de Jesus. Portanto, é preciso manter presente os elementos fundamentais da vida e missão de Jesus como fez o autor da Carta aos Colossenses, pois esses sempre serão critérios indispensáveis na reflexão cristológica da comunidade cristã de ontem e de hoje.

Referências

BELLOTTI, Karina Kosicki. "Lidere como Jesus" – liderança e autoajuda na mídia evangélica nos Estados Unidos e no Brasil (1980-2010). *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, v. 19, n. 34, p. 207-233, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.30612/frh.v19i34.7598>. Acesso em: 26 nov. 2021.

BÍBLIA. Grego. *O Novo Testamento grego*. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BÍBLIA. Grego-Português. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Raymond Edward. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BRUCE, Frederick Fyvie. Paulo nos Atos e nas Cartas. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Orgs.). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 937-952.

CASALEGNO, Alberto. *Paulo: o evangelho do amor fiel de Deus*. São Paulo: Loyola, 2001.

CERFAUX, Lucien. *Cristo na teologia de Paulo*. 2. ed. São Paulo: Paulus, São Paulo: Teológica, 2003.

COSTA, Claudiene dos Santos. Evangelho do sucesso: análise do discurso de “Jesus, o maior líder que já existiu” e “Jesus, o maior executivo que já existiu”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 39., 5-9 set. 2016, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/44478>. Acesso em: 26 nov. 2021.

¹⁵ Isso não exclui a possibilidade de haver algum conhecimento sobre os ensinamentos de Jesus e sobre sua pessoa por meio do processo de catequese das comunidades, pois o que a perícopes oferece é uma síntese da hermenêutica do protocristianismo a partir do anúncio recebido e não toda a catequese que lhe foi oferecida. Dunn (2003), ao tratar sobre o que Paulo conhecia a respeito de Jesus e sua tradição, apresenta argumentos interessantes que defendem uma catequese já feita nas comunidades antes da redação das cartas, catequese essa feita por Paulo ou por outros responsáveis por tal tarefa nas comunidades.

- DUNN, James Douglas Grant. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992.
- LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo: biografia crítica*. São Paulo: Loyola, 2000.
- PUFF, Jefferson. Intolerância religiosa leva terreiros de umbanda a reforçar segurança no Rio. *BBC*, São Paulo, 26 jun. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150625_intolerancia_religiosa_terreiros_pai_jp. Acesso em: 28 nov. 2021.
- SÁNCHEZ BOSCH, Jordi. *Escritos paulinos*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2002.
- SCHMITH, Gustavo; AGUIAR, Thiago. Padres bolsonaristas defendem o uso de armas para legítima defesa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/padres-bolsonaristas-defendem-uso-de-armas-para-legitima-defesa-23354240>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- VOUGA, François. O corpus paulino. In: MARGUERAT, Daniel (Org.). *Novo testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 181-204.